

Jornal FOLIO

FESTIVAL LITERÁRIO
INTERNACIONAL
DE ÓBIDOS
14 A 24 OUTUBRO 2021



United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization

ÓBIDOS
CITY OF LITERATURE

Designated
UNESCO Creative City
in 2015



O FOLIO é a festa do reencontro com o Outro

O FOLIO – Festival Literário Internacional de Óbidos é um evento muito especial. Muito especial pelos conteúdos que tem tido desde a primeira edição. Muito especial pelos escritores, artistas, autores, criadores que têm sido presença desde a primeira edição. Muito especial pelas pessoas que nos visitam, pelo público que nos sente e pelas gentes que gostam desta democratização da Cultura.

Mas, este ano, o FOLIO tem um sabor mais especial. Devido à pandemia fomos obrigados a parar, saltámos um ano e não pudemos fazer a edição de 2020. Mas estamos de volta. E estamos de volta com aquele entusiasmo que colocamos sempre que nos sentamos à volta da mesa para discutirmos os temas, os autores, os convidados e a forma de fazer acontecer.

Sabemos da importância de voltar à normalidade e de voltar a sentir que controlamos, outra vez, as nossas vidas. Sabemos também a importância que a Cultura, no sentido genérico, tem na vida das pessoas. O FOLIO, em Óbidos, de 14 a 24 de Outubro, junta tudo isto e é, para nós, a festa do reencontro com o Outro. Com os outros.

Esta será uma edição ímpar e muito interessante não só pela diversidade dos temas, mas, como referi, devido ao que o Mundo passou no último ano e meio.

O FOLIO, desde sempre, debateu temas contemporâneos. O tema deste ano é o Outro e, neste preciso momento, não há nada mais actual. Todos estivemos confinados. Todos tivemos os nossos medos. Todos tivemos as nossas dúvidas. Todos tivemos as nossas interpretações. Todos tivemos as nossas fúrias e os nossos pânico. Chegou a hora de reconhecer a responsabilidade e ver no Outro a pessoa que ela é e as pessoas que nós somos.

FOLIO Autores, FOLIO Educa, FOLIO Mais, FOLIO Ilustra, FOLIA, Boémia e, este ano, o FOLIO BD. Temos um Mundo para oferecer. Temos Óbidos a dar um passo para nos melhorarmos em relação aos outros e a cada um de nós, até porque a Cultura ajuda-nos muito nesta passagem.

Este será o último FOLIO em que serei presidente da Câmara Municipal de Óbidos, mas não vai ser, tenho a certeza, o meu último Festival. Vou regressar como espectador e sentir de perto aquilo que Óbidos preparou em nome da Literatura em Portugal e, acima de tudo, em nome da Cultura Lusófona.

**ESTOU ORGULHOSO.
OBRIGADO.**

HUMBERTO MARQUES
Presidente da Câmara Municipal de Óbidos

F(O)LIO

JORNAL FOLIO 2021
Revista Informativa de Óbidos

PROPRIEDADE
Câmara Municipal de Óbidos

DIREÇÃO
Humberto da Silva Marques

COORDENAÇÃO
David Vieira

GRAFISMO E PAGINAÇÃO
Susana Santos

TEXTOS
*Alexandra Barata
Carla Pinho
David Vieira
Helena Ales Pereira
Humberto Marques,
João Paulo Cotrim
Pilar Del Río*

FOTOGRAFIA
*Gabinete de Comunicação e Imagem
- Município de Óbidos*

IMPRESSÃO
A3 Artes Gráficas

DEPÓSITO LEGAL
186600/14

ISSN
1647-0494

TIRAGEM
*4000 exemplares
OUTUBRO 2021*

FOLIO Autores propõe conversas a dois centradas no Outro

O tema o Outro é transversal à programação do FOLIO Autores, onde serão abordados temas como “Em terra de outros”, “Um país de múltiplas identidades”, “Dois outros – Portugal e Brasil”, “Tantos outros em cada um de nós” ou “Uma Europa de migrantes”. As conversas envolvem escritores de diferentes nacionalidades, num registo mais intimista, já que haverá apenas dois autores por sessão. A moderação será assegurada por jornalistas com ligação aos temas.

Daniel Sampaio é o único autor que falará na primeira pessoa sobre o período em que esteve internado, devido à pandemia. “Não quisemos fugir ao tema da covid, sem que fosse central”, esclarece Ana Sousa Dias, curadora do FOLIO Autores. “Quando o corpo se torna um outro” será, assim, o mote para o psiquiatra partilhar a sua experiência e apresentar o último livro: *Covid 19 - Relato de um Sobrevivente*. A moderação será de Luciana Leiderfarb.

“Este ano, vamos ter uma ótima participação de escritores. Houve uma grande adesão a este FOLIO. As pessoas estão com muita vontade de voltar a festivais presenciais”, assegura a curadora. “Decidimos que cada mesa teria apenas dois autores e um moderador. Mesas com mais participantes são muito confusas. Numa hora, acaba por não haver um debate”, justifica.

Ana Sousa Dias explica que os refugiados e a violência doméstica são duas questões da atualidade que ela e Pedro Sousa, também curador do FOLIO, entenderam encaixar no tema o Outro, planeado para a edição do ano passado, que foi cancelada devido à pandemia. “Fizemos uma ronda pelas editoras para propor alguns nomes em que tínhamos pensado e para recolher propostas em relação a este tema”, revela.

“O trabalho do biógrafo” é um dos exemplos deixados pela curadora do FOLIO, por se centrar no Outro. A conversa entre Bruno Vieira Amaral e Maria Antónia Oliveira será moderada por Isabel Lucas. “Não nos centramos apenas na literatura, mas no ensaio, para haver um debate de ideias, nas áreas da sociologia ou da política”, exemplifica a curadora.

“Fim das democracias” será, assim, o mote para uma conversa entre Ece Temelkuran e Daniel Innenariti, moderada por Ricardo Alexandre. O encontro terá interpretação simultânea, tal como o da franco-marroquina Leïla Slimani e o colombiano Juan Gabriel Vásquez, que optaram por falar em inglês sobre o tema “Em terra de outros”. Ana Sousa Dias recomenda ainda o diálogo sobre “A pertença no estrangeiro” entre Richard Zimler e Jung Chang, autora de *Cisnes Selvagens*, livro proibido na China.

A jornalista Cândida Pinto moderará o encontro “Uma Europa de migrantes”, com o escritor holandês Ilja Leonard Pfeijffer e o dramaturgo e romancista italiano Davide Enia. “Ilja é autor do livro *Grand Hotel Europa*, sobre um migrante que foi acolhido pelo diretor do hotel, e Enia publicou o livro *Notas sobre um naufrágio*”, refere Ana Sousa Dias. Sugere ainda a sessão “A cor da pele”, em que Jeferson Tenório conversará com Paulo Scott, e Joana Gorjão Henriques será a moderadora.

As 16 sessões incluem ainda uma conversa entre Alberto Manguel e Pedro Mexia sobre “Literatura – aproximação ou distanciamento”, outra entre o escritor moçambicano João Paulo Borges Coelho e Ana Margarida de Carvalho sobre “Depois da guerra e da revolução” e outra ainda entre Ana Luísa Amaral e a espanhola Amalia Bautista sobre poesia e a violência na família. A curadora do FOLIO Autores destaca também o diálogo entre Fernando Rosas e Lília Schwarcz sobre “Dois outros – Portugal e o Brasil” e entre Isabel Lucas, jornalista autora de *Viagem ao país do futuro*, e o escritor brasileiro Itamar Vieira Júnior sobre “Um país de múltiplas identidades”.

“Tantos outros em cada um de nós” será o tema de reflexão entre os escritores e músicos Mário Lúcio e Afonso Cruz, “Luta de classes” entre Tatiana Salem Levy e Giovana Madalosso, e “A pertença a um lugar” entre Cláudia Andrade e Luís Cardoso. A conversa entre o humorista Ricardo Araújo Pereira e a romancista Dulce Maria Cardoso sobre “Liberdade de Expressão” é apresentada por Ana Sousa Dias como uma “nuance” do evento literário, por ter um enfoque mais político. “Os temas são apenas um ponto de partida.”

Os temas escolhidos para cada uma das 16 sessões são apenas um ponto de partida para a reflexão entre escritores nacionais e de outras latitudes, em que a questão dos migrantes assume uma relevância especial.



Obra de ensaísta Eduardo Lourenço destacada no FOLIO

Até ao final de 2022, a Fundação Gulbenkian vai editar mais três volumes da Obra Completa de Eduardo Lourenço, cujo centenário do nascimento se assinala em 2023. A obra do ensaísta português vai ser o mote de uma conversa entre Guilherme D'Oliveira Martins, atual administrador da Gulbenkian, e José Carlos Vasconcelos, escritor e jornalista, no dia 23, às 16h30 horas, na Tenda Vila Literária.

Diretor do programa Gulbenkian Cultura, Miguel Magalhães revela que os próximos três volumes da Obra

Completa de Eduardo Lourenço são *Segundo paraíso – do cinema como ficção do nosso sobrenatural*, sob coordenação de Pedro Mexia, *Pessoa revisitado II – crítica pessoana*, sob coordenação de Pedro Sepúlveda, e *Labirinto da Saudade e outros ensaios sobre a cultura portuguesa*, sob coordenação de João Dionísio.

Miguel Magalhães explica que cada volume reúne todos os textos dispersos de Eduardo Lourenço publicados ao longo da sua vida organizados tematicamente, numa coleção publicada pela Fundação Calouste Gulbenkian.



“Eduardo Lourenço: uma obra a ler e a estudar” será, assim, um dos momentos altos da programação do FOLIO Mais.

Filósofo e ensaísta português, Eduardo Lourenço (1923- 2020) é autor de uma vasta obra que reflete sobre temas filosóficos, políticos, culturais, religiosos e literários. Parte importante dos seus estudos críticos e literários foi dedicada à poesia, a Luís de Camões, a Fernando Pessoa e a Antero de Quental. O ensaísta recebeu vários prémios e condecorações e foi administrador da Fundação Calouste Gulbenkian não executivo, entre 2002 e 2012.

Rede Cultura 2027: Uma Plataforma de Cultura e de Europa

Somos um território que se vê a si mesmo como plataforma e não apenas como continente dos palcos que nele se erguem.

Ao sermos uma plataforma e ao irradiarmos plataforma além de nós, afirmamos, alimentamos, criamos, revelamos e adicionamos várias camadas. Camadas que, ao serem reconhecidas, contempladas e/ou intervencionadas (e por isso postas em relação e a dialogar entre si), acrescentam grande e novo valor ao conjunto, bem superior à soma das suas partes.

Não somos apenas uma “união a 26”, mas antes uma Rede para a qual convergem, de forma generosa e aberta, 26 municípios, dois politécnicos, uma associação empresarial e uma diocese, ou seja, somos uma REDE multi-institucional e policêntrica que, até hoje, viveu três fases tão necessárias, quanto distintas e bem-sucedidas: primeiro, consolidámos os propósitos da REDE; logo depois testámos a sua implantação territorial, e agora ensaiamos as suas perspetivas programáticas.

A candidatura que entregaremos em novembro próximo - a cargo de um conjunto notável de 5 programadoras: Ana Bonifácio, Ana Umbelino, Elisabete Paiva, Lúcia Afonso e Teresa Andresen - apresentar-se-á em moldes diferentes de qualquer outra. Será uma candidatura genuína de REDE, porque as suas perspetivas

programáticas decorrem de ações prévias efetuadas em rede. Não é uma candidatura de uma cidade, subscrita por mais 25. É, antes, uma candidatura que exprime a visão, a prática e a ambição de uma multiplicidade de atores responsáveis pela arte e pela cultura de um território.

Por isso formamos um corpo maior com territórios e gentes correspondentes sensivelmente a 10% dos municípios (mais de 5.800 km²) e da população (mais de 800.000 habitantes) de Portugal Continental; composto por 11 cidades, 55 vilas e centenas de lugares distando entre si até 180km; indo das portas de Lisboa às portas de Coimbra; envolvendo 3 Comunidades Intermunicipais, 1 dos maiores Santuários Europeus, 3 Lugares Património Mundial, 3 Cidades Criativas, 3 Cidades de Aprendizagem e 2 Cátedras da UNESCO num caminho de raízes comuns e horizontes conjuntos rumo a 2027 e além.

Leiria foi a primeira cidade portuguesa a dizer algo muito simples: cremos, queremos e merecemos ser a próxima cidade portuguesa Capital Europeia da Cultura. Mas não cremos, não queremos e não merecemos estar sozinhos.

É justamente isso que reiteramos na nossa candidatura a Capital Europeia da Cultura 2027.



Tel. 244 839 646
mail: comunicar@redecultura2027.pt
redecultura2027.pt



SOMOS CANDIDATOS.

Porque **#Somos Europa**
Porque **#Somos Cultura**
Porque **#Somos Rede**

Amalia Bautista, poetisa

“A minha relação com Portugal é de amor”



A poetisa espanhola vai publicar, este mês, em Portugal, o livro *Trevo*. O interesse dos portugueses pela sua obra é explicado com a ligação de sensibilidades e musicalidade dos idiomas ou com o gosto pela simplicidade.

Está a escrever ou vai publicar, em breve, algum livro?

Escrevo pouco, sempre produzi lentamente. Tenho alguns poemas inéditos que acabarão por formar um livro com aqueles que escrever a partir de agora. Não sei quando é que isso vai acontecer, mas não será no imediato. Os poemas não publicados são apenas isso, poemas únicos que ainda não formam um todo do qual possa falar como tal.

Em que se inspira para escrever?

Na poesia, tudo pode ser uma fonte de inspiração, embora raramente tenha sentido o impulso de inspiração que faz nascer um poema. Vivo durante muito tempo, mesmo durante anos, com poemas ou com os temas que acabarão por ser poemas, e só quando o poema já está feito na minha cabeça é que o passo para o papel ou para o ecrã do computador.

Quais os seus poetas de referência?

Garcilaso, Rosario Castellanos, Wislawa Szymborska, Lope de Vega, Borges, Pessoa, Lorca...

Está prevista a publicação de mais obras de poesia em português, além das três já editadas?

Sim, existe um quarto livro, também publicado pela Averno, chamado *Trevo*, que deverá sair este mês, talvez coincidindo com o FOLIO.

Como explica o interesse dos portugueses pela sua obra?

Não consigo explicar, apenas agradecer-vos do fundo do coração. É algo que me surpreende e que me aquece a alma. Talvez tenha havido uma ligação de sensibilidades e musicalidade dos idiomas, ou talvez um gosto pela simplicidade aparente. Penso que ajudo a oferecer poesia que se afasta de discursos ininteligíveis, obscuros e pretensiosos. Em todo o caso, sinto-me muito afortunada.

“Penso que ajudo a oferecer poesia que se afasta de discursos ininteligíveis, obscuros e pretensiosos.”

O tema do Fólio - Festival Internacional de Literatura de Óbidos deste ano é “o Outro”. Qual a importância do outro na sua poesia?

Não só na minha poesia, como na de qualquer outra pessoa, o outro é importante nas nossas vidas. Há

sempre um outro, real, lembrado, imaginado, desejado... Sem o outro, não pode haver nem o eu nem a consciência individual, nem o nosso lugar no mundo, nem as coordenadas do espaço e do tempo. Além disso, cada pessoa é também outra para os outros. Vale a pena pensar nisso, para não pensarmos que somos o centro do mundo.

Há um poema de Rosario Castellanos, intitulado precisamente *O outro*, que termina com estes versos, e que são a melhor resposta que se poderia dar:

*Nunca digas que a escuridão é tua,
não bebas a alegria de uma só vez.*

Olha à tua volta: há outro, há sempre outro.

*O que ele respira é o que te sufoca,
o que ele come é a tua fome.*

Morre com a metade mais pura da tua morte.

“Sem o outro, não pode haver nem o eu nem a consciência individual, nem o nosso lugar no mundo, nem as coordenadas do espaço e do tempo.”

partilhar uma mesa com Ana Luísa Amaral, uma poetisa que estimo e admiro há muitos anos. O facto de lhe ter sido atribuído o Prémio Rainha Sofia é um ato de justiça, que não é muito frequente, e uma fonte de alegria. Tenho toda a confiança na sua inteligência, na sua sabedoria e no seu senso comum, e estou certa de que teremos um diálogo interessante e enriquecedor.

Lê habitualmente autores portugueses? Quais aprecia e acompanha mais?

Claro, Fernando Pessoa, todos os Pessoas; também Sophia de Mello Breyner, Eugénio de Andrade, Nuno Júdice, Rosa Alice Branco, a própria Ana Luísa Amaral ou os meus editores da Averno, que também são poetas, Inês Dias e Manuel de Freitas.

Qual a sua relação com Portugal?

A minha relação com Portugal é de amor.

Vai estar no FOLIO com a poetisa Ana Luísa Amaral, que ganhou este ano o Prémio Rainha Sofia de Poesia Ibero-Americana e já recebeu outros prémios atribuídos em Espanha. O que se pode esperar da vossa conversa?

É um grande prazer e um privilégio

A literatura sobre o outro

Marcel Proust afirmou que “somente através da arte conseguimos sair de nós mesmos e conhecer a visão do outro sobre o universo”. Num ano em que o Folio tem como tema “O outro”, partimos dessa premissa para organizar conversas, debates, apresentações que pretendem ver, ouvir e encontrar o outro, através da literatura.

Integrada no programa do Folio Mais, a rubrica “Autores no Mercado”, da responsabilidade do Penguin Random House Grupo Editorial, pretende organizar conversas, debates e apresentações de livros, na Livraria do Mercado.

A abrir, no dia 15, teremos uma conversa entre **Jeferson Tenório**, autor de “**O avesso da pele**”, com **João Tordo**, autor de mais de quinze romances. Oferecer-nos-ão olhares distintos sobre a literatura do lado de lá e de cá do Atlântico. A partir das 19h15, na Livraria do Mercado.

No mesmo dia, **Yara Monteiro**, que lança em Outubro o seu primeiro livro de poesia - “**Meditações Aparições Arritmias**” - vai estar à conversa com **Niq Mhlongo**, na Tenda Vila Literária.

No dia seguinte, sábado, teremos outra ponte Brasil-Portugal, desta vez pelas vozes de **Lília Schwarcz** e **Isabel Lucas**, numa conversa sobre as muitas formas de olhar o Brasil. Às 16h15, na Livraria do Mercado.

No mesmo lugar, três horas depois, podemos ouvir falar sobre o papel da história e da política na literatura, com **Hugo Gonçalves**, autor do romance “**Deus Pátria Família**” e **Juan Gabriel Vásquez**, autor do romance “**Olhar para trás**”.

No Domingo, dia 17, **Luiz Schwarcz** fala sobre o seu livro de memórias - “**O ar que me falta**” com **Alberto Manguel**, a quem cabe apresentar esta edição da Companhia das Letras. Será às 16h30, na Livraria de Santiago.

E sob o olhar de dois viajantes, **Afonso Cruz** e **Paulo Moura**, cruzamos oceanos, viajamos do Ocidente ao Oriente, de Norte a Sul, para conhecer o mundo de tantos outros. A partir das 19h15, na Livraria do Mercado.

E regressamos a Óbidos, no último dia do Folio, domingo 24, para uma conversa entre dois autores que são muito mais do que isso: **Filipe Melo** e **Hugo van der Ding**. Novamente, na Livraria do Mercado, às 16h15.

Helena Ales Pereira

A mesa está posta

Uma vespa. Uma vespa pousa-me no braço, sendo esquerdo pede palmada da mão oposta, dizem. Travo para garantir ao olhar que não é abelha, digna de respeito maior. O dono da casa e da mesa sob latada mediterrânica grita as vezes suficientes até que me aperceba: a bicha tem nome, não merece morte súbita. Uma vespa pode ter nome e nisto percebo o essencial.

Sou do Sul, portanto lugar de mesa invariavelmente estendendo-se sob sol posto em rima com a maltosa feita casa, cal de parede e o sacudir de paisagem, serviço dobrado de sorrisos e vincos fazendo cama para pão e vinho. O cortejo dos dedos pendentes de suas mãos, marcadas pelo fazer, reparo, trazem comida e bebida, as cores, as dores. Alguém levanta a voz, sussurros concorrem com o vento, os talheres debatem-se, há-de alguém amanhá as tensões e as flores dos que, pelo toque, se dizem família. Os amigos, com eles montanhas e rectas. As falas que se partem como pão, dizem. As vozes logo se alevantam sob sopro da alegria, outros mandam calar, que faz parte. Há segredos para conter e revelações de nada para celebrar, corpos ansiosos por correr. Entorna-se um copo, elogia-se a receita, o forno, o gesto. Um dos outros terá que lavar a loiça, recolher os restos, abraçar o que sobra da partilha, uns que chegam e partem, a mesa afinal um peito. Como saber se a refeição abre, vai de meio, ou se finda? Só se ama conhecendo.

E nisto um festival. Do outro lado da mesa atiram papel amachucado garantido registo de rima imemorial com cantar e de discussão com pensamento e de debate com o marulhar do oceano e os toques de pele com o desejo e uns raios que nos partam. Para que conste, o deejay, antes de o ser ao ar livre, foi na rádio o maestro das convergências. Deixemo-lo ser agora nas noites recolhidas ao cubo. Valha-nos São Programador, padroeiro dos acidentes, esse Cristóvão das curvas!

Ao terceiro parágrafo partilhemos a clareza possível: sacudo folhas e sobra-me um Folio a perder de vista, almoço de domingo para o que der e vier, pequenas heranças e o horizonte que nem navalha, erga-se em grito flamengo a coreografia de mãos desdobrando paisagens, guardanapos, gritos dissonantes, ideias de passar muralhas e de erguer livrarias no altar, toque enfarinhado da quentura da côdea, a sopa arrefecendo, velhas histórias, uma promessa de fruta. Cá entre nós, mal o outro mal se assume no desvão da frase faz-se fruta tocada. Morra quem se negue.

João Paulo Cotrim

Pilar del Río

“El otro”

“El otro es como yo y tiene derecho a decir yo”, repetía José Saramago por tierra, mar y aire. El otro es blanco, es negro, es indio, es mujer, es hombre, es pobre. A veces escribe, otras pinta, otras trabaja limpiando calles, quiere ser contemplado y que su nombre se diga con respeto. Sin el otro la literatura moriría en el momento de la escritura, la bondad sería narcisismo y la inteligencia, como el amor solitario, acabaría produciendo hastío. El otro es necesario para tomar la medida de las cosas, para besar y para el lanzamiento de una nave espacial. Sin el otro, que es como yo y tiene derecho a decir yo, el hospital no existiría, tampoco habría agua en mi mesa y el viaje no tendría lugar porque sin el otro no habría carreteras y por tanto no se daría el encuentro que se intuye y desea. El otro tiene nombre, los Nadie de los que habló Eduardo Galeano se rebelaron y ahora, como las estrellas del cielo, brillan de uno en uno y se acercan mirando a los ojos y diciendo soy. El otro soy yo y juntos somos nosotros y juntos somos la humanidad. El otro es blanco y es negro, es hombre y es mujer, el otro eres tú, soy yo.



FOLIO Mais projeta autores portugueses além-fronteiras

Festival literário atrai pessoas que vêm de propósito do Brasil, de Espanha e de Cabo Verde para assistir ao evento e abriu as portas do mercado nacional a escritores brasileiros desconhecidos até então.



As portas de um mercado com milhões de leitores abriram-se aos escritores portugueses, devido ao FOLIO, de tal forma que houve editoras nacionais a instalarem-se no Brasil, revela José Pinho, curador do FOLIO Mais. O festival literário contribuiu para uma maior aproximação entre autores e leitores tanto nos países da língua portuguesa como nos ibero-americanos, convidando anualmente escritores destas origens a participar nos eventos programados.

“Provavelmente, o FOLIO é mais conhecido no Brasil do que em Portugal”, admite José Pinho, notoriedade que atribui também ao facto de os principais jornais brasileiros publicarem com regularidade crónicas e artigos sobre o festival e sobre os autores que nele participam.

“Somos convidados com muita frequência para festivais no Brasil, como a FLIP, o FliAraxá, o FliPoços e outros, ou para conferências e festivais em Espanha, França, Austrália, Suíça, na sequência do FOLIO.”

O curador garante, por outro lado, que há pessoas que vêm de propósito do Brasil, de Espanha, de França ou de África para assistir ao evento, devido

à grande notoriedade que o FOLIO conseguiu obter.

“Os escritores portugueses nunca foram tão conhecidos fora de portas como nos últimos 5 ou 10 anos”, afirma. E dá como exemplo Valter Hugo Mãe, que vende mais livros no Brasil do que em Portugal.

“Aumentou a circulação de escritores entre Portugal e Brasil. O FOLIO permitiu que em Portugal se passassem a conhecer melhor muitos mais autores brasileiros, alguns que nem fazíamos ideia de que existiam.”

Este mesmo fenómeno também sucedeu com Espanha e com muitos países da América Latina, como a Colômbia, Peru e México, que passaram a convidar escritores portugueses para eventos relacionados com literatura. “Tem havido um intercâmbio iberoamericano muito grande, que já devia ter acontecido há muito tempo, porque há uma proximidade e uma afinidade cultural enorme”, defende.

“Muitas editoras apostam no FOLIO, que é tratado com um carinho especial”, afirma José Pinho. “O FOLIO é muito mais do que um festival literário. Tem uma diversidade programática muito grande e linhas

de programação, como música, teatro, cinema, boémia e debates, a que os outros festivais não se dedicam tanto”, justifica.

O curador refere ainda a importância das parcerias internacionais: com os festivais literários brasileiros FLIP, Ler, FliPoços, FliTabira e FliAraxá, com o Blues Metropolis Montreal Canadá ou com o African Book Festival Berlin, e das parcerias nacionais, com a Fundação Gulbenkian, a Fundação EDP, a Fundação Millennium BCP, a Fundação INATEL, o Turismo de Portugal, do Centro e do Oeste, com as universidades, escolas e institutos politécnicos. Apesar de uma grande parte das pequenas, médias e grandes editoras estar representada no FOLIO, na programação deste ano destaca a presença da Imprensa Nacional, da Orfeu Negro, da Abysmo, da Penguin e da 20|20.

A Orfeu Negro e a Abysmo por participarem no evento com autores, exposições e atividades musicais, a IN e a Penguin por terem livrarias próprias e promoverem conversas com os seus autores, e a 20|20 por levar escritores às escolas de Óbidos.

Mais difícil para o curador do FOLIO Mais é identificar os momentos altos da programação, mas garante que a apresentação do Prémio Fernando Leite Couto é um deles, tal como o encontro sobre “Eduardo Lourenço: uma obra a ler e a estudar” e o debate “O Longo Caminho para a Igualdade – vamos falar de mulheres e homens no século XXI”.

À lista, junta “O Outro lado da Guerra ao Terror: Apresentação de O Vento mudou de direção”, de Simone Duarte, o lançamento da Obra Completa “Jim Morrison – Poesia, Diários, Transcrições e Letras” e dos livros “O Ar que me falta”, “A estrofe que dança”, “Cadáver esquisito”, “Como os deuses vivi”, escrito por Ramiro S. Osório há 45 anos, ou a “Poesia Vadia”, com poetas de Portugal e da Colômbia.

“O FOLIO Mais é a última curadoria a fazer a programação. Depois de fechado o programa FOLIO Autores, tentamos ver o que falta, para o complementar e trazer a Óbidos outros públicos e outros autores”, explica José Pinho. A grande diferença é que no FOLIO Mais não há tema. “Temos alguma liberdade para ir buscar outras atividades e sessões que tragam outra gente.”

FOLIO abre as portas à internacionalização de jovens escritores moçambicanos

FUNDAÇÃO
FERNANDO
LEITE COUTO



Câmara de Óbidos e Câmara do Comércio Portugal Moçambique associam-se a fundação presidida por Mia Couto e oferecem residência literária e publicação da obra em Portugal. O *Silêncio da Pele*, de Otildo Guido, foi o vencedor.

A Câmara Municipal de Óbidos e a Câmara do Comércio Portugal Moçambique associaram-se à Fundação Fernando Leite Couto, criada pelo escritor Mia Couto e pelos irmãos para apoiar jovens escritores e artistas moçambicanos. Esta parceria permitirá aos vencedores do prémio permanecerem durante um mês numa residência literária na vila, receberem 500 euros, editarem a obra em Portugal e participarem no FOLIO, o que contribuirá para a sua projeção internacional.

"Este prémio vai consolidar os laços de cooperação entre os dois países, mas numa área que é quase sempre tratada de forma marginal, que é a cultura", afirma Mia Couto. "Queremos dar continuidade, num novo patamar, a algo que já vínhamos fazendo: promover a literatura produzida por jovens moçambicanos, que se estão estreando na poesia e na prosa", explica. "O apoio de Óbidos fornece uma visibilidade especial ao prémio, às obras e aos autores premiados", sublinha.

"Portugal pode ser uma porta de entrada na Europa para estes jovens escritores", afirma Humberto Marques, presidente do Município de Óbidos, já que muitos serão desconhecidos fora de Moçambique. "A língua pode ser a maior arma para o desenvolvimento dos países de língua oficial portuguesa e a cultura pode ser o instrumento fundamental de criação de riqueza", defende. Acrescenta ainda que esta ligação deve ser aproveitada para estreitar relações comerciais e económicas.

Rui Moreira de Carvalho, presidente da Câmara de Comércio Portugal Moçambique, explica que financiaram a edição do livro premiado em Portugal, por reconhecerem a idoneidade e valorizarem o trabalho da Fundação Fernando Leite Couto. Além disso, assegura que irão ajudar a aproximar o escritor distinguido a mecenas. "A nossa função é facilitar as relações entre as duas comunidades, mas para haver investimento têm de existir

sinergias entre as empresas e a cultura, o desporto, o ensino superior e o jornalismo."

O Prémio Literário Fernando Leite Couto será apresentado no dia 24 de outubro, às 16 horas, na Casa da Música, ocasião em que estarão presentes Mia Couto e Otildo Guido, de 22 anos, vencedor da edição de 2019, com o livro de poesia *O Silêncio da Pele*. Desde então, o jovem escreveu outra obra de poesia, intitulada *O Osso da Água*, que também será lançada no FOLIO, momento que será acompanhado por Mia Couto. Como prémio, o livro de Otildo Guido foi publicado em Moçambique e o autor recebeu 1950 euros.



Presença habitual no FOLIO, o escritor Mia Couto confessa ter uma ligação afetiva com Óbidos. "Não apenas a visitei e deixei que o encanto da vila tomasse conta de mim, como nela escrevi uma adaptação para cinema de um romance meu", recorda. "Há três anos, trabalhei duas semanas com o realizador moçambicano Sol de Carvalho, na adaptação de 'A Varanda do Frangipani'."

PIM!

VI MOSTRA DE ILUSTRAÇÃO
PARA IMAGINAR O MUNDO

Exposição mostra múltiplas facetas do artista plástico. Conversas, tertúlias, música, apresentações de livros, atividades para bebés e performances integram esta edição da PIM!. Rachel Caiano será a ilustradora destacada.

regressa ao passado para homenagear escultor José Aurélio

Mais de 40 ilustradores que participaram na PIM! – Mostra de Ilustração para Imaginar o Mundo, nas cinco edições anteriores do FOLIO Ilustra, vão apresentar a sua interpretação das obras do artista plástico José Aurélio, a propósito da comemoração dos 50 anos da Galeria Ogiva, que funcionava naquele espaço. A intenção é recriar o passado, através do olhar de outros artistas, como forma de homenagear o escultor de 83 anos, que continua a criar obras de arte.

“Foi entregue a cada ilustrador uma peça do mestre José Aurélio, em pedra, aço, ferro ou madeira, etc e foi-lhes pedido que reinterpretassem a obra através da ilustração”, revela Mafalda Milhões, curadora do FOLIO Ilustra. Os visitantes da PIM! que queiram comparar as novas versões com as obras originais do escultor terão acesso a um código QR. A ilustração que melhor represente a obra do artista receberá como prémio uma obra original do mestre José Aurélio.

Mafalda Milhões confessa que não foi fácil selecionar as peças a recriar, porque José Aurélio é autor de “centenas de esculturas, de medalhas, de jóias e de arte sacra...”, pelo que o próprio artista plástico e a filha Joana Aurélio se envolveram nesse processo. A ideia é dar a conhecer as múltiplas facetas do escultor, apesar de não ser possível mostrar todas as suas obras, por integrarem coleções particulares ou de arte urbana.

“O trabalho do mestre proporciona-nos uma viagem pelo tempo, através da história do nosso País, ao longo de 60 anos”, afirma a curadora do FOLIO Ilustra. Quem conheceu a Galeria Ogiva há 50 anos e visitar agora a PIM! vai reconhecer, certamente, uma peça com quatro metros de altura, entretanto restaurada, que se encontrava lá no dia da inauguração. “Está longe de ser um trabalho de decoração da sala. É uma curadoria de relação com os outros”, explica. “É um regresso ao passado que já

era muito futuro, porque José Aurélio esteve sempre muito à frente no seu tempo.”

Grito urbano

“A Galeria Ogiva foi um grito urbano fora dos grandes centros”, assegura Mafalda Milhões, já que o espaço era utilizado por José Aurélio não apenas para divulgar “arte urbana mais arrojada e arte popular”, mas também para tertúlias artísticas e políticas. “Havia lugar para o imprevisto, o que humanizava o espaço”, acrescenta. “Fomos à procura da história e queremos que a sala continue a ter essas nuances, construções, constelações e encontros. Vamos recriar o que lá se passava.”

Conversas, tertúlias, música, apresentações de livros, atividades para bebés e performances integram, assim, a sexta edição da PIM!. “Vai ganhar outra vibração, porque vamos ter o mestre José Aurélio connosco no dia da inauguração”, conta a curadora do FOLIO Ilustra, entusiasmada. No dia 16, pelas 16 horas, decorrerá também a entrega do Prémio Nacional de Ilustração a André Carrilho e restantes Menções Honrosas.

Além das peças do artista plástico, que ocuparão os quatro andares do espaço da PIM!, e de ser possível conhecer as ilustrações de reinterpretação da sua obra, Mafalda Milhões revela que a obra do ilustrador galego Kiko da Silva, conhecido por reinterpretar a arte, também estará na PIM!.

Marta Madureira, Helena Valio, André da Loba, André Neves e Valter Hugo Mãe também estarão na PIM!. Os visitantes terão ainda oportunidade de conhecer as duas Coleções do Prémio Nacional de Ilustração 2020 e 2021. Estarão representados dez ilustradores encarados como promessas da ilustração portuguesa. Rachel Caiano, ilustradora de poesia, onde a figura humana está muito presente, terá mais destaque nesta edição. É ela a autora do cartaz da PIM! deste ano.



“Mantenho-me com interesse em fazer coisas novas”



José Aurélio, escultor

Aos 83 anos, serviu de inspiração ao FOLIO ILUSTRA, que destaca os 50 anos da Galeria Ogiva, espaço de liberdade onde se reuniam artistas de todo o País. Encara a arte como um ato de responsabilidade e ainda gostava de fazer um arco monumental.

É considerado um homem, desde sempre, muito à frente do seu tempo. Como era interpretado esse arrojo na época em que abriu a Galeria Ogiva?

Os artistas meus amigos felicitaram-me pela iniciativa, enquanto as outras pessoas consideraram que era louco. E com alguma razão.

Louco porquê?

Por fazer uma coisa destas em Óbidos, nesse tempo, com um investimento significativo e sem ter dinheiro. Foi feito com sacrifício, mas foi ditado por uma vontade muito forte de juntar os meus amigos. Desde o princípio que contei com eles para fazerem parte desta grande aventura.

O que a Ogiva tinha de diferenciador em relação às outras galerias da época?

Não foi feita para vender obras de arte, mas para mostrar obras de arte e divulgar a arte contemporânea portuguesa. As galerias que existiam, de uma maneira geral, eram comerciais e nós não tínhamos esse espírito. Pagava-se apenas uma entrada. Vendemos meia dúzia de peças ao fim de quatro anos. A arte é feita, em última análise, para mostrar às pessoas.

“Durante anos, atormentava-me a ideia de não ser capaz de identificar o meu trabalho. Sempre a mudar e à procura de outras coisas. Até que, já homem maduro, percebi que essa era a minha característica. Tranquilei-me e fiz as pazes comigo próprio.”

A Galeria Ogiva também promovia tertúlias sobre política. Era um reduto de liberdade?

Penso que sim. A única reunião que houve francamente política foi depois do 25 de Abril, para saber o que íamos fazer com a vida. A Ogiva resultou sempre de uma decisão coletiva. Foi na Ogiva que se criou um movimento de artistas plásticos, que teve uma vida bastante ativa. Durante o tempo em que a Ogiva esteve a funcionar, havia manifestações de grande liberdade. Cada um fazia aquilo que queria e nunca houve qualquer espécie de censura.

Sobre o que é que se conversava nessas tertúlias?

De uma maneira geral, os temas estavam relacionados com a arte ou com a política. Eramos conscientes políticos e sabíamos que estávamos a lutar contra a maré. Todos os artistas que colaboraram com a galeria assumiram-se, mais tarde, como pessoas de esquerda e contra a ditadura. O movimento de artistas plásticos teve alguma importância na altura, porque apoiou muito o MFA [Movimento das Forças Armadas] e participou em várias iniciativas culturais. Muitos de nós colaborámos com a revolução.

Essas tertúlias eram frequentadas por artistas ou também por outros intelectuais da época?

Vinha gente de muito lado, algumas não conhecia. Pessoas de Coimbra, de Lisboa, das Caldas, de Alcobaca, de Peniche. A vida social é muito importante e, quando se vive num certo isolamento, sabe bem ver os amigos, conversar e discutir. Tivemos aqui muitas pessoas a fazer intervenções culturais e a falar dos seus projetos. A música também foi uma atividade importante. Foram anos muito ricos.

O facto de ser uma pessoa destemida trouxe-lhe alguns dissabores?

A galeria foi vítima de um certo ostracismo, a que fomos votados pela intelectualidade de Lisboa. Principalmente, pelos críticos e pelos curadores, porque fiz uma conferência de imprensa, antes da inauguração, a dizer que íamos ser autossuficientes, porque estávamos quase todos em desacordo com o apoio às galerias comerciais. Mais tarde, verifiquei que foi um disparate, até porque boicotaram a galeria. Não teve a projeção que poderia ter tido, mas mantive a minha posição e não estou arrependido.

Que lugar reserva ao “outro” no seu processo criativo?

Tudo interfere no processo criativo. É um espaço livre, sem balizas. Sou como uma esponja. Muitas vezes, nem tenho consciência disso. As coisas passam a fazer parte de mim e, passados 15 dias ou um mês, lembro-me delas e podem dar origem a um processo criativo. Acontece em todas as épocas, com grandes artistas. O Picasso e o Braque [fundadores do cubismo] copiavam-se um ao outro. Somos sempre influenciados por qualquer coisa, real, imaginária ou feita pelo outro.

Quais as suas principais influências enquanto artista plástico?

Tenho a sensação de que não tenho influências diretas, mas assimilações. À medida que fui conhecendo as esculturas de Picasso, fui entendendo cada vez melhor a linguagem que utilizava e à qual me sentia muito ligado. Da mesma maneira que sempre me senti muito próximo do escultor Alexandre Calder, que desvendou os mistérios do movimento na escultura. Vou buscar aquilo que me interessa em cada peça que vejo.

Qual a obra mais marcante na sua carreira?

O trabalho mais importante que fiz até hoje foram as gárgulas da Torre do Tombo. Foi um processo que exigiu de mim coisas de que nem sonhava

ser capaz. Fui um bocado inconsciente ao ter avançado para uma aventura daquelas. Ao fim de 32 anos, andamos, finalmente, a fazer um livro.

Qual a importância de ter sido condecorado com a Ordem do Infante D. Henrique, em 2006?

É sempre agradável uma pessoa sentir o seu trabalho reconhecido, mas não a utilizo, nem me valorizo por isso. É como se não existisse. Aquilo que faço, faço por amor. Mas foi mais significativa a condecoração que tive do presidente do Chile do que do Jorge Sampaio. Fiz uma série de coisas para comemorar o centenário do Pablo Neruda, com a Câmara de Almada e com a Embaixada do Chile. Fiz um bom trabalho, mas não merecia a condecoração. Foi uma simpatia em excesso.

Por que razão a condecoração do Chile foi mais importante?

Sou um admirador profundo de Jorge Sampaio. Foi o melhor Presidente [da República] que tivemos e não vamos ter outro nas décadas ou nos séculos mais próximos. Era um homem fora de série, com uma cultura vastíssima. Representou sempre Portugal com a dignidade que merecemos. Mais ninguém o fez. Talvez isso me obrigasse a ser muito reconhecido. Mas como acho que não fiz nada de especial, não percebi por que fui condecorado. Fiz a medalha da presidência de



Jorge Sampaio, de que gostou muito. Terá sido uma das razões por que me condecorou. No Chile, foi diferente. Empenhei-me muito a fazer duas esculturas e o retrato de Pablo Neruda, que é uma figura inquestionável.

O que sente por ser o homenageado do FOLIO Ilustra e por reviver uma espécie de regresso ao passado, através da revisitação das suas obras?

Sou pouco agarrado ao passado. O presente e o futuro têm muita importância. Em conversa, com os responsáveis pelo Ilustra, nasceu a ideia das minhas peças servirem de base às ilustrações, o que achei curioso. Se é uma homenagem, não sei.

O que pensa da nova geração de artistas plásticos?

Tenho os meus artistas preferidos, mas, por outro lado, sinto desânimo por a arte se ter banalizado. Não quer dizer que não haja artistas bons, mas a quantidade de artistas medíocres e maus é de tal maneira grande que só estabelecem a confusão junto do outro, que chega, vê e não percebe, mas acredita que tem interesse, quando não tem. Esta sociedade de consumo devora e destrói tudo. É uma fase que espero que termine depressa. Ser artista não é uma brincadeira, é uma responsabilidade. A arte tem de ter por trás uma bagagem, todo um saber que é transmitido através daquilo que se faz. Hoje, dá a sensação de que toda a gente anda à procura de coisas esquisitas, porque é a única maneira de se evidenciar.

Ao longo de 60 anos de carreira, passou por diferentes fases?

Sim, tenho uma série de fases perfeitamente definidas e que não controlei. Vinham e desapareciam. Durante anos, vivi inseguro, por não ser capaz de fazer nada com que me identificasse. E continuo a ter uma

necessidade muito grande de fazer as coisas de acordo com a realidade delas, e não com a minha. Os pintores ou os escultores têm características próprias, que a gente olha e identifica. Durante anos, atormentava-me a ideia de não ser capaz de identificar o meu trabalho. Sempre a mudar e à procura de outras coisas. Até que, já homem maduro, percebi que essa era a minha característica. Tranquilei-me e fiz as pazes comigo próprio.

Se pudesse fazer o que verdadeiramente gosta, o que faria?

Há uma quantidade de peças que gostava de ter feito em grande, em espaços públicos. Quando me encomendavam uma peça para um jardim ou isso, algumas vezes tentava dizer que tinha estudos [esboços], mas a única vez em que consegui fazer isso foi com uma peça que tenho na Assembleia da República. Também tenho uma que está em Almada. Levei a maquete à presidente da câmara, que gostou muito e mandou-me fazer.

Quais as causas que o movem na atualidade?

Estou a viver um drama bastante grande, que é estar a envelhecer. Toda a vida fui um homem muito ativo e cheguei a uma certa altura e comecei a fraquejar. Fisicamente, estou cheio de problemas. Isso é uma preocupação que me afeta profundamente. Mesmo assim, há uns dias, houve uma pessoa que me falou em fazer uma medalha, que já desenhei e está para aprovar. Mantenho-me com interesse em fazer coisas novas.

Que peça é que ainda gostaria de criar?

Devo ter projetado mais de 100 arcos monumentais e nunca fiz nenhum. É uma coisa que não queria levar para a cova, mas não aparece ninguém que queira fazer um arco.

E se plantássemos café onde nunca foi plantado?

Na Delta andamos há 60 anos a fazer o que nunca foi feito. Por isso, decidimos apoiar ativamente os cafeicultores em todo o arquipélago dos Açores. Juntos vamos criar o primeiro café cultivado em território europeu.

Saiba mais sobre o café dos Açores e outros projetos pioneiros da Delta em delta60anos.com

DELTA 60 ANOS
DESPERTOS PARA O FUTURO

FOLIA anima noite com concertos em língua portuguesa



Ana Laíns, Teresa Salgueiro e Mário Lúcio, Lena D'Água, A Garota Não, Luta Livre, Galandum Galundaina, Stereossauro, Diabo a 7 e Maria Monda são os nomes e as bandas que integram o cartaz do FOLIO deste ano.

O FOLIO marca o regresso da programação cultural da Fundação Inatel, com nove concertos protagonizados por intérpretes de língua portuguesa. À semelhança dos anos anteriores, o fado é o primeiro género musical a estrear o FOLIA, com Ana Laíns. Lena D'Água sobe ao palco para apresentar "Desalmadamente", Mário Lúcio atua com Teresa Salgueiro, e há ainda espaço para música de intervenção, tradicional portuguesa e alternativa.

Carla Raposeira, diretora do Departamento de Cultura do Inatel, justifica a escolha do fado para assinalar o primeiro dia do FOLIO por ser Património da Humanidade e o Inatel estar ligado à área do património material e imaterial e ser consultor da UNESCO. "Todos os anos fazemos a abertura com o fado. Nas edições anteriores, atuaram o Ricardo Ribeiro e a Cristina Branco", recorda.

No dia 14, pelas 22 horas, será a vez de Ana Laíns dar um espetáculo na Cerca do Castelo.

Lena D'Água será cabeça de cartaz dois dias depois, no mesmo local e à mesma hora. Carla Raposeira explica que este concerto marca o reaparecimento triunfante de uma das maiores artistas da música portuguesa. Trinta anos depois do seu último álbum de originais em nome próprio, Lena d'Água lança "Desalmadamente" que é na verdade um disco com muita alma e presença de espírito.

A diretora do Departamento de Cultura do Inatel destaca ainda o concerto de Mário Lúcio com Teresa Salgueiro, no dia 22, às 22 horas, "espetáculo onde se encontra a morna e o fado". Além de músico e escritor, Mário Lúcio foi ministro da Cultura de Cabo Verde. Já a ex-vocalista dos Madredeus tem feito uma carreira mais internacional.

Música de intervenção

Embora com sonoridades diferentes, os Luta Livre, que atuam no dia 20, pelas 22 horas, e A Garota Não, que sobe ao palco no dia seguinte, à mesma hora, têm como ponto em comum a música de intervenção. "Os Luta Livre, do Luís Varatojo, dos Despe e Siga, dão concertos muito políticos, embora apartidários", refere. "Tocam muito em mensagens ligadas a questões sociais importantes, de âmbito mundial, como a precariedade, o aquecimento global ou as petrolíferas."

A Garota Não é um projeto da cantautora Cátia Mazari Oliveira, que lançou o primeiro disco em 2019. "Escreve as letras e canta temas relacionados com a xenofobia e o machismo, de uma forma um bocado ingênua", observa Carla Raposeira. "A Fundação Inatel tenta dar destaque a artistas que são pouco conhecidos do grande público, embora ela já o comece a ser", assegura.

Para quem é apreciador de música mais tradicional, recomenda a banda que, canta em mirandês, Galandum Galundaina, que atua no dia 15, às 22 horas, e os Diabo a 7, que encerram os concertos no Palco Inatel, no dia 24, às 19h30. "O artista das Caldas da Rainha Stereossauro, que conjuntamente com o DJ Ride, como BeatBombers, foram duas vezes vencedores do IDA World Champion (2011/2016), vai apresentar um projeto em Óbidos, em primeira mão, no FOLIO", revela.

"Todos estes concertos têm um significado muito próprio na nossa programação, porque estão ligados à contemporaneidade. É um património vivo, que se reinventa e apresenta formas de estar completamente diferentes", afirma a diretora do Departamento de Cultura do Inatel. "A valorização da língua portuguesa é muito importante e é o que caracteriza estes palcos", sublinha.

Carla Raposeira explica que há três tipos de público nos concertos no Palco Inatel: pessoas que vão ao FOLIO, ficam para a noite e acabam por assistir a um espetáculo, outras que se deslocam propositadamente para ver uma banda e ainda turistas de visita a Óbidos. "Os concertos passaram a ser tão importantes como uma mesa-redonda", afirma.

"Relacionam-nos muito com o turismo sénior, mas trabalhamos para as famílias e para todas as gerações", garante a diretora do Departamento de Cultura do Inatel. "Somos uma fundação e a nossa base é trabalhar para todas as pessoas", sublinha. "Temos feito um rebranding da atividade cultural, para mostrar que temos produtos que podem agradar aos jovens, como os concertos dos Galandum Galundaina, Luta Livre e Lena D'Água."

Boémia propõe descontrair com música e poesia

A Música das Palavras, Lacónico, A Favola da Medusa e José Camilo com “Os poetas não devem ser chatos, mas os leitores não podem ser estúpidos” são algumas das propostas de atuações, em que se pode estar na conversa com amigos.

Quem gosta de música e de poesia não pode perder a oportunidade de assistir aos concertos ao ar livre propostos pelo FOLIO Boémia, que decorrem ao longo de sete dias, na entrada da vila, em jardins e em praças de Óbidos. Descontrair é a palavra de ordem.

“São momentos despretensiosos, em que as pessoas se sentem à vontade, porque podem estar a comer ou a beber alguma coisa, enquanto assistem”, explicam Maria Salvador e Catarina Machado, curadoras desta vertente do FOLIO. “No fundo, é uma plateia mais informal, pois não tem de entrar a uma determinada hora.”

As curadoras caracterizam o Boémia como um “espaço de convívio preparado para todos os gostos”, que decorre durante a tarde ou a noite. “É um momento muito eclético, porque mistura leitura de poemas com diferentes géneros musicais, em que as pessoas aproveitam para estar e conversar com os amigos.”

O projeto da Coleção Batimento será um dos pontos altos da programação, ao apresentar um conjunto de músicos e de poetas com livros publicados. “Integra uma tertúlia e quatro concertos, em que há uma sintonia entre a letra e a música”. São eles: A música das palavras, Lacónico, A Favola da Medusa e José Camilo com “Os poetas não devem ser chatos, mas os leitores não podem ser estúpidos”.

As responsáveis de projetos na Óbidos Criativa destacam ainda os Poetry Ensemble, projeto satélite de Lisbon Poetry Orchestra, que consiste na declamação de poemas com uma sonoridade de banda, e Bia Maria, grupo constituído por três músicos de Ourém. “Tem uma sonoridade muito interessante e transmite uma mensagem sobre a forma como os jovens se sentem, brincando com as palavras.”

Aos apreciadores de guitarra portuguesa, piano e viola, propõem Luís Coelho Trio, Môrus, a quem prefere música eletrónica, Amor Vivo, aos amantes de fado, e Bluish, para quem gosta de dream pop e atmosferas místicas. Outro dos momentos a não perder será protagonizado por António Domingos em “A Visita do Sr. Engenheiro”, que consiste num encontro com o heterónimo pessoa no Álvaro de Campos.

O FOLIO Boémia integra ainda a exposição “ABC Urbano”, de Pedro Basílio, que reproduz todo o alfabeto em 26 fotografias, tiradas ao longo de dez anos, em paisagens urbanas e rurais, que poderão ser apreciadas numa parede, na Porta da Vila.

Hora F desafia visitantes a vestirem a pele de maestro

Os visitantes do FOLIO terão oportunidade de assistir a momentos de dança, música, declamação ao som de violino e cinema de animação, através da projeção de filmes num ecrã, feitos por alunos de Óbidos.

Se sempre sonhou em liderar uma orquestra, o FOLIO concede-lhe agora essa possibilidade. Para tal, basta estar presente às 17 horas de um dos dois sábados em que decorre o evento. A Orquestra Juvenil de Óbidos estará à sua disposição.

“A Hora F é um momento em que decorrem diferentes iniciativas ao mesmo tempo, com artistas e talentos do nosso território, alguns dos quais anónimos, que vão atuar sozinhos”, explica Maria Salvador, coordenadora de projetos na Óbidos Criativa.

Durante uma hora, os visitantes do FOLIO terão oportunidade de assistir à atuação de quatro artes diferentes: dança, música, declamação ao som de violino e cinema de animação, através da projeção de filmes num ecrã, feitos por alunos de Óbidos, no âmbito do projeto Anima.

“Temos um saxofone que toca com uma gaita de foles, um clarinete que é acompanhado por sons eletrónicos produzidos por uma pedaleira de guitarra, um momento de dança e quatro flautas a tocar música para piano”, revela Catarina Machado.

A intenção da Hora F é surpreender as pessoas que passem nos locais das atuações: Porta da Vila, Largo de S. Pedro, Praça de Santa Maria, Largo de Santiago, Miradouro da Pousada e Padrão Camoniano.

“Como o tema do FOLIO é o Outro, o desafio é ver diferentes outros, em momentos informais e descontraídos.”

As atuações envolvem mais de 60 pessoas e alunos das escolas que participam no cinema de animação. “Os jovens aceitam estes desafios com mais facilidade, porque não fazem parte da sua formação inicial e têm registos diferentes”, afirmam as curadoras. “É a primeira edição, mas queremos que haja muitas mais.”





14^A 24
OUTUBRO

TORNE-SE ASSOCIADO INATEL
OFERTA DE INSCRIÇÃO

galp



OFERTA DE VALE
EM COMBUSTÍVEL GALP*



CONDIÇÕES:

OFERTA VÁLIDA APENAS NO LOCAL DO EVENTO
NÃO ACUMULÁVEL COM OUTRAS CAMPANHAS
EM VIGOR | PAGAMENTO QUOTA = 12 MESES

* Vale de combustível "oferta até 5 euros"



+INFO: 210 027 000 | associados@inatel.pt | www.inatel.pt

“A música tem essa capacidade de juntar a diferença, dar a conhecer o Outro e as magias vivenciais que o compõem”



Empenhado em fomentar a cultura nacional, acredita que os músicos portugueses contribuem para valorizar a nossa língua no Mundo, e que a música permite desenvolver diálogos interculturais e intergeracionais.

O que levou a Fundação Inatel a associar-se ao FOLIO?

A sua importância na cultura nacional, e até internacional, e a missão da Fundação. A nossa missão, dada pelo Estado, é fomentar a cultura nacional, apoiando os agentes que melhor personalizam projetos que liguem as nossas raízes culturais intergeracionalmente. A literatura é uma forma de arte fundamental de fazer essa interligação.

A literatura e a música resultam num bom casamento?

A música está ligada, na maioria das suas componentes, à palavra e à poesia. A música é também uma das formas da arte melhor transmitir sentimentos, interpretações do mundo e imaginários dos povos. Mais abstrata, mas nas suas funções com identidades com a literatura.

De que forma é que o Outro se reflete na programação do FOLIO?

Um dos problemas das nossas sociedades é o conhecimento e a aceitação do Outro na sua diferença. A melhor forma de desenvolver estas competências tolerantes e abertas é pela cultura e pelo livro, assim como pelas viagens. A música tem essa capacidade de juntar a diferença, dar a conhecer o Outro e as magias vivenciais que o compõem. Pela música passarão aqui vários projetos que vivem de desenvolver diálogos interculturais e intergeracionais.

Ao proporcionar nove concertos de músicos portugueses aos visitantes do FOLIO, a intenção da Fundação Inatel é contribuir para a valorização da língua?

Uma língua é um universo de interpretações e sentires do Mundo e que liga socialmente as pessoas nesse universo interpretativo. A música junta as palavras precisamente para sintetizar, no abstrato, as ficções e as leituras sobre a realidade e as vivências humanas. Todo o grande compositor ou cantor junta poetas à música que o marquem, que ache adequados à sua forma de sentir o mundo ou, em última instância, ser ele próprio um homem que canta as suas palavras. Bob Dylan foi Nobel da Literatura. A escolha de músicos que cantam na língua portuguesa tem esse objetivo de valorizar a nossa língua e a nossa cultura no Mundo.

A programação prevê uma grande diversidade de géneros musicais. O objetivo é chegar a diferentes pessoas?

Mais do que chegar a diferentes pessoas e gerações é ligá-las, mostrar que é nas junções de tempos e sentires que a criatividade se torna mais forte e os laços sociais mais conscientes das vantagens de nos entendermos e percebermos uns aos outros.

Acredita que os concertos podem contribuir para trazer novos públicos ao FOLIO?

Claro. Traz públicos à literatura pela música. Como traz à música públicos pela literatura. Os artistas e os escritores agradecem.

Qual tem sido a receptividade das pessoas à FOLIA?

Muito grande. O ambiente é muito mágico. O Inatel traz novas gentes, novas ligações, novas redes, que potenciam a sua intervenção e a sua missão.

De que modo os concertos em Óbidos se enquadram na linha de programação nacional do Inatel?

O Inatel tem vindo a desenvolver uma forte ligação aos projetos que ligam a tradição à modernidade, que estabelecem pontes entre a cultura nacional e a internacional, sobretudo nos domínios das raízes populares ancestrais. No Teatro da Trindade, temos o Ciclo Mundos, onde passam grandes intérpretes das músicas do Mundo, estamos nos festivais Músicas do Mundo, em Sines, ou no Bons Sons, na aldeia de Cem Soldos, patrocinamos o Intercéltico e desenvolvemos os Populares na Rua por várias cidades do País. Este é mais um desses processos.

Como parceiro do FOLIO, a que atribui o sucesso deste evento literário, realizado fora das grandes cidades?

À tenacidade do seu mentor, José Pinho, à magia da vila de Óbidos, ao empenho da autarquia local, às excelentes parcerias que o suportam, à adesão de muitos agentes culturais nacionais e a quem gosta do livro e cá vem.

“Um dos problemas das nossas sociedades é o conhecimento e a aceitação do Outro na sua diferença. A melhor forma de desenvolver estas competências tolerantes e abertas é pela cultura e pelo livro, assim como pelas viagens. A música tem essa capacidade de juntar a diferença, dar a conhecer o Outro e as magias vivenciais que o compõem.”

Pais e professores envolvidos no programa do FOLIO Educa

Iniciativas destinadas a todas as faixas etárias, desde bebés a adultos, incluem oficinas, exposições, espetáculos, tertúlias, palestras e seminários internacionais.



promovida pela Associação Osso Colectivo, onde as crianças terão a oportunidade de experimentar atividades, como música, desenho, escultura, teatro, som, vídeo, rádio e jogos e dispositivos híbridos de criação e fruição coletiva.

A pensar nos adultos com interesse no tema da educação, a curadora propõe a tertúlia com João Costa, secretário de Estado da Educação, e João Couvaneiro, professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a propósito da publicação da obra em coautoria *Conhecimentos vs Competências – Uma Dicotomia Disparatada na Educação*.

A tertúlia com Carlos Neto, professor catedrático da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa e autor do livro *Libertem as Crianças – A Urgência de Brincar e Ser Ativo*, e o seminário Internacional com Barbara Schultz-Jones, da Universidade do Norte do Texas, Claudia Giudici, da Regio Children, e Piet Grymonprez, da Fundação MyMachine Global, são outros momentos altos destacados por Ana Sofia Godinho.

“Neste seminário, vamos falar sobre educação, participação e democracia”, revela. “A educação é um ato que pressupõe uma relação com o Outro e só assim o ato de aprendizagem se torna significativo”, defende. “Mais do que ouvirem, pretendemos que as pessoas reflitam sobre as políticas educativas e a construção de novos pensamentos sobre educação”, justifica a curadora.

Embora não esteja relacionado diretamente com o tema da educação, Ana Sofia Godinho recomenda ainda o encontro “Storytelling do Território”, durante o qual Pedro Machado, presidente da Entidade Regional Turismo Centro de Portugal, e Edson Athayde, CEO e diretor criativo na FCB Lisboa, vão conversar sobre formas de comunicar o território e estratégias de identidade.



Este ano, o FOLIO Educa tem a particularidade de envolver os pais e os professores na definição do programa e na moderação das tertúlias. Ao longo de 11 dias, as iniciativas abrangem também os alunos das escolas do concelho, não só como protagonistas, mas também como público-alvo, e todos os interessados na temática da educação.

“Chamámos a escola para ter um papel mais ativo, não só na construção da programação, mas na participação em si”, explica Ana Sofia Godinho, curadora do FOLIO Educa. A título de exemplo, refere a “Oficina Pais Mindfulness – Famílias felizes | O que desejo dar ao Outro?”, dinamizada pela Associação de Pais do Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos e cuja formadora, Olga Prata, é encarregada de educação.

Ana Sofia Godinho garante que houve a preocupação de criar uma programação para diferentes públicos e de todas as idades. Desde os bebés até aos 3 anos, com a “Oficina de Música para Bebés e Papás”, com o maestro Paulo Lameiro, como espetáculos para crianças dos jardins de infância, oficinas, exposições e instalações para miúdos dos 6 aos 10 anos, e outras iniciativas para alunos dos restantes ciclos de ensino.

Entre o vasto programa, a curadora do FOLIO Educa realça a “Oficina-Instalação: Escola dos Labirintos”,

FOLIO alarga programação a fãs de Banda Desenhada



Os workshops “+1... que diabo!” e a exposição Flexágono - Faces da Banda Desenhada contemporânea portuguesa, que inclui trabalhos de oito autores, com diferentes géneros e abordagens, assinalam a nova curadoria.

“+1... que diabo!” é o mote dos quatro workshops de Banda Desenhada (BD), integrados no FOLIO BD, que constitui uma das principais novidades da edição deste ano. A dinamização destes encontros criativos cabe a Daniel Lima, designer gráfico com experiência nas áreas da ilustração e da Banda Desenhada e professor de BD em várias instituições, inclusive na ESAD, Caldas da Rainha. O objetivo da iniciativa é produzir um fanzine.

“Ao contrário de uma certa perceção social, a Banda Desenhada não é uma linguagem fácil de adquirir”, explica Pedro Moura, curador do FOLIO BD e professor de Teoria e de História da BD na Ar.Co. “Tem a ver com a organização visual de desenhos e há um método e protocolos de leitura que têm de ser aprendidos”, justifica.

Apesar de ser um processo que requer tempo, Pedro Moura acredita que os participantes ficarão a dominar os princípios básicos, o que lhes permitirá criar um fanzine. “Não há outra maneira de ensinar sem ser a fazer. A parte teórica estará associada à criação”, assegura. “O foco é aprender a fazer Banda Desenhada e saber contar uma história com Banda Desenhada, para ser lida.”

Os workshops “+1... que diabo!” decorrerão no Espaço Ó, entre os dias 19 e 22 de outubro, das 14h30

às 17h30. E qualquer pessoa se pode inscrever, desde que tenha mais de 12 anos. As vagas são limitadas a dez participantes. “Apanhará um público bastante abrangente e apto a dominar a linguagem e o discurso necessários, seja para quem nunca pegou num lápis, seja para quem já faz Banda Desenhada”, garante o curador do FOLIO BD. Os materiais estão incluídos.

Exposição mostra faces da BD

No âmbito do FOLIO BD, decorre ainda a exposição Flexágono – Faces da Banda Desenhada contemporânea portuguesa, na qual participam oito autores de Banda Desenhada, que pode ser visitada na Escola de Hotelaria do Oeste, em Óbidos, entre os dias 14 e 31 de outubro. “Não tentei fazer uma radiografia, mas escolher autores representativos de vários setores da BD em Portugal”, explica Pedro Moura. “O objetivo não é fazer uma salada pouco vinculada em termos autorais, mas sim mostrar faces da BD”, afirma. “Não são os melhores. É uma escolha pessoal, com assinatura.”

Pedro Moura destaca vários autores participantes na exposição. “O Filipe Andrade está a trabalhar no mainstream internacional”, refere. “Trabalha para a indústria norte-

-americana dos Comics: a Boom Studios e a Marvel”, especifica. A título de exemplo, refira-se que é o ilustrador da série Captain Marvel e de alguns números da série X-Men. “Depois, temos outros autores que trabalham para editoras independentes, como a Sofia Neto e a Joana Mosi, e outros com uma linguagem experimental, quase abstrata, como Ricardo Paíão Oliveira, cuja presença é quase toda online.”

A Flexágono pretende, assim, dar a conhecer várias faces da Banda Desenhada contemporânea portuguesa, através do trabalho de autores com diferentes géneros, abordagens estilísticas, circuitos de circulação e idades. “Uns são profissionais, outros têm outras profissões, mas todos eles têm qualidade, do ponto de vista da Banda Desenhada”, sublinha o curador da FOLIO BD.

“A exposição tenta mostrar Banda Desenhada contemporânea de qualidade, que reflete diversidade de produção e autonomia autoral. É um campo diverso e que merece uma atenção em particular”, garante Pedro Moura. Além dos quatro autores já referidos, integram ainda a exposição Ana Matilde Sousa, André Pereira, Francisco Sousa Lobo e Ricardo Baptista. A Flexágono está aberta entre as 10 e as 20 horas.

CELAeu

Connecting Emerging Literary Artists

O Município de Óbidos integra o projeto CELA que reúne 30 escritores, 79 tradutores e 6 profissionais literários de 10 países europeus.

Este programa, que vai na sua segunda edição, decorrerá até 2023. O seu objetivo é o de aumentar a capacidade de uma nova geração de criadores literários para trabalhar numa escala internacional e para o público europeu. Permite uma cooperação transnacional intensiva entre escritores, tradutores e profissionais literários em início de carreira. O projeto proporciona um percurso de quatro anos (2019-2023) com formação, instrumentos e uma rede que visa tornar possível uma carreira internacional e estabelecer uma prática profissional integrada.



Barbara Jursic
TRADUTORA
ESLOVENO-PORTUGUÊS



Katarzyna Ulma-Lechner
TRADUTORA POLACO-PORTUGUÊS



Lutgard Caenen
TRADUTORA
NEERLANDÊS-PORTUGUÊS



Cristina Visan
TRADUTORA
ROMENO-PORTUGUÊS



Daniela Costa
ESCRITORA



Ilija Stevanovski
TRADUTOR SÉRVIO-PORTUGUÊS

Luís Brito
ESCRITOR



Miguel Martins
TRADUTOR
CASTELHANO-PORTUGUÊS



Patrícia Patriarca
ESCRITORA

Stepánka Sequeira Lichblau
TRADUTORA CHECO-PORTUGUÊS



Vasco Gato
TRADUTOR ITALIANO-PORTUGUÊS



Porta da vila transformada num ponto de encontro sustentável

O Município de Óbidos vai aproveitar a realização do FOLIO para concretizar o projeto Living Streets, nos dois fins de semana do evento. A Rua da Porta da Vila e a Rua do Cemitério serão transformadas em zonas verdes e de lazer, onde decorrerão atividades culturais, ambientais, musicais. O Living Street é um projeto internacional que desafiou municípios a transformar uma rua num encontro sustentável.

“Trata-se de um projeto que transforma as ruas num local de encontro diferenciado, com ideias simples que serão desenvolvidas com várias atividades assentes em quatro pilares: ambiente, nutrição, atividade física e saúde”, explica Margarida Reis, vereadora do Município de Óbidos, acrescentando que “pretende-se viver este espaço público em todo o seu esplendor, numa ocasião em que nunca se falou tanto de sustentabilidade”.

Tendo em conta que o Living Street se destina a promover a sustentabilidade, esta zona (Porta da Vila) será interdita ao trânsito automóvel e serão privilegiados os materiais reciclados na decoração, os espaços verdes de diversão e lazer, um mercado de frutas/ flores/legumes e livros e onde existirão pontos de venda de comida saudável, vegetariana e vegan.

Margarida Reis revela que “o mercado será assegurado maioritariamente por produtores e empresas do concelho”.

Workshops sobre ervas aromáticas, caminhada literária e rastreios nutricionais são algumas das iniciativas programadas.

“Queremos transmitir às pessoas comportamentos mais sustentáveis. Este projeto tem uma vertente educativa muito nobre”, afirma a autarca.

Serão quatro dias de muita animação, onde se pretende dar continuidade ao projeto, nos próximos anos, noutras freguesias do concelho de Óbidos.

LIVING STREETS

Supported by:
Federal Ministry for the Environment, Nature Conservation and Nuclear Safety
European Climate Initiative
Based on a decision of the German Bundestag

FOLIO, um evento inclusivo

Esta edição do FOLIO vai contar pela primeira vez com um flyer inclusivo, que vai proporcionar ao visitante, com necessidades específicas, toda a informação relevante sobre o evento.

Os conteúdos estão disponíveis em linguagem simplificada, braille, linguagem pictográfica e língua gestual portuguesa e gestos internacionais. É possível aceder a estes conteúdos em formato digital via QR Code.

“Este ano, o FOLIO distingue-se pela inclusão de todos os visitantes, está no topo das nossas prioridades. As limitações físicas e cognitivas não podem ser um obstáculo, para quem vem a este evento”, afirma Margarida Reis.

O lançamento do flyer multiformato surge de uma parceria entre o Centro de Recursos para a Inclusão Digital (CRID) do Politécnico de Leiria e o Município de Óbidos.

Célia Sousa, coordenadora do CRID, refere que “vamos comunicar sem barreiras. O flyer reúne num único

exemplar texto aumentado, braille, pictogramas para pessoas com incapacidade intelectual ou limitações de outra natureza”.

“E se entrasse numa livraria e pedisse um livro multiformato?”. Este é o tema da Palestra apresentada no FOLIO, que conta com a participação da coordenadora do CRID, Célia Sousa Pedro Morouço, do Politécnico de Leiria, e a escritora brasileira, Carina Alves (Projeto de Literatura Acessível).

“Com o objetivo de tornar Óbidos num destino inclusivo, pretendemos reproduzir flyers noutros eventos, adaptar a Vila com instalações acessíveis, com soluções para acolher de forma inclusiva todos os visitantes. É o que se pretende implementar num futuro próximo”, conclui Margarida Reis.



Quanto mais Galp, mais Inatel

galp.pt

Aproveite, porque isto é tudo para si:

- Descontos até 9 cênt/litro em todos os combustíveis¹.
- **Oferta de quotas INATEL**, na contratação de planos de eletricidade **100% verde** e gás natural².



**Ganhe
quotas
INATEL**

1 - Apresente o seu cartão Inatel – físico ou digitalizado na app Mundo Galp – nos mais de 1200 postos aderentes para aproveitar todos os descontos. O cartão de associado é pessoal e intransmissível. Os descontos são atribuídos até aos limites definidos nas condições contratuais.

2 - Solicite o seu código promocional exclusivo Galp/Inatel através do email associados@inatel.pt ou pelo telefone **210 027 000** para usufruir desta oferta. Escolha o seu plano Galp em casa.galp.pt ou através do **808 507 500**.



FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP



MODERNIDADE MUDANÇA MILLENNIUM

A arte é viva. Dialoga com o mundo.
Procura diferentes formas de expressão.
Abraça o novo. Experimenta, inventa e reinventa-se.
**Porque esta é a marca que a arte deixa em nós,
é esta a marca que queremos deixar na arte.**

 Fundação Millennium

 fundacaomillennium

www.fundacaomillenniumbcp.pt

Millennium
bcp